

CONVERSAS
COM A
Escrita

É UMA PROPOSTA DA
CÂMARA MUNICIPAL DO
SEIXAL E DAS
PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE
PARA QUE POSSA VER,
OUIR E CONVERSAR COM
ALGUNS DOS MAIS
IMPORTANTES
ESCRITORES, CRIADORES E
PENSADORES DA CULTURA
E LÍNGUA PORTUGUESA.

PRÓXIMA SESSÃO
JOSÉ CARDOSO PIRES
LISBOA, LIVRO DE BORDO

16 DE DEZEMBRO 1997
16.00 HORAS



CONVERSAS
COM A
Escrita

Luís Cardoso
Crónica de Uma Travessia

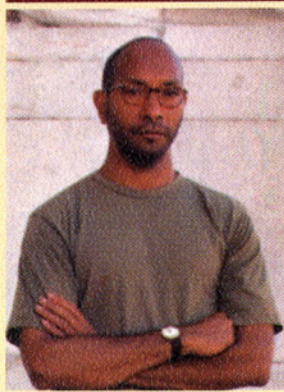


Apresentação Nacional da Obra

22 de Novembro 1997
16.00 horas

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO SEIXAL - FÓRUM CULTURAL

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE



Nota Biográfica

Luis Cardoso de Noronha nasceu a 8 de Dezembro de 1958 em Cailaco, Timor Leste, no seio de uma família onde conviviam as línguas calade, mambai e tétum praça. Fez os estudos primários e secundários nos colégios missionários de Soibada e Fuiloro, no Seminário de Dare e no Liceu de Dili, instituição de ensino que frequentava quando se deu a revolução de 25 de Abril. Continuou os seus estudos em Portugal e ingressou no Instituto Superior de Agronomia onde se licenciou em Silvicultura. Posteriormente efectuou uma pós-graduação em Direito e Políticas do Ambiente. Tendo, a partir de 1991, enveredado profissionalmente pelo ensino leccionou Matemática e é, desde há alguns anos, professor de tetum, uma língua timorense.

Não obstante estar em Portugal quando se desencadeou a guerra civil e a posterior invasão indonésia de Timor, pelo que não participou nestes acontecimentos, tem desenvolvido actividade política ao nível de representante do Conselho Nacional da Resistência Maubere, tendo per-

tencido à delegação portuguesa desta organização até Maio de 1995. Colaborou, com vários artigos sobre a situação de Timor, no *Jornal Forum-Estudante* e traduziu, de tetum para português, textos de Xanana Gusmão reunidos no livro *Timor-Leste: Um Povo, Uma Pátria*. Luis Cardoso tem estado ainda envolvido em movimentos associativos e culturais timorenses, quer participando em conferências, em Portugal e no estrangeiro, sobre a causa timorense, quer em acções de formação e iniciativas desenvolvidas no Espaço por Timor e na Associação 12 de Novembro. Destaca-se aqui, e em diversas escolas, a sua actividade de contista de histórias tradicionais timorenses, um universo feérico habitado por personagens míticas e seres fantásticos (chefes guerreiros, feiticeiros, espíritos e mulheres fabulosas) que também povoam o seu primeiro romance, *Crónica de Uma Travessia*.

Neste romance, que nos revela um novo autor e que a partir de agora acrescenta a ficção timorense à ampla literatura de língua portuguesa, coexistem numa narrativa cintilante, em que tempo e espaço se relativizam, e velada por um signo nostálgico, registos oníricos, irónicos, por vezes trágicos, que se cruzam e entrecem com os últimos anos da presença portuguesa em Timor. As instituições e hábitos com que a Metrópole se espalhava até aos confins do mundo (ANP, a Mocidade Portuguesa, um funcionalismo público mestiçado, as escolas e seminários, as festas domingueiras onde as canções da rádio incendiavam emoções ou ge-ravam langores sofridos) arrastavam os seus últimos dias. Por ali o 25 de Abril e a implosão do Império chegam letárgicos, como se a distância esmorecesse os ímpetus dos acontecimentos que pontuaram o fim de um tempo. Após as disputas e confrontos internos, e a invasão indonésia do território, emergem novos guerreiros e heróis que, num combate incerto, procuram encontrar uma passagem, um destino, para Timor. E fazem-no sobrevivendo lá e cá. E a antiga “mãe-pátria” torna-se, nos apartamentos sobrelotados ou nas matas do Jamor, ali no sopé de Monsanto, monte sagrado, um espaço de protecção, de santuário para a memória de todas as travessias.

Luis Cardoso

Crónica de uma travessia: a época do Ai-Dik-Funam

Publicações Dom Quixote

“-É a última paragem - disse o motorista, desligando as luzes. - Faça o favor de sair.

“Era uma charneca e ficava lá para os lados da Portela. Tínhamos apanhado o primeiro autocarro, fugindo da chuva sem saber para onde nos levava. Como que empurrados por algum espírito sobrenatural que nos quisesse armar uma partida, fomos parar a um local desconhecido, e o motorista, um fantasma, que na hora de ponta tivesse substituído o verdadeiro, aproveitando-se da calamidade do trânsito e do temporal.

“- Não é Odíveas! - sussurrou Domingos.

“- Rain-fila! (espírito) - disse Mali Mau olhando para o descampado e depois para o firmamento em busca de uma estrela orientadora. E sem falar connosco, descalçou as botas, despiu a roupa e ficou completamente nu. Depois, voltou a vestir tudo de novo, mas às avessas, tal como a natureza, como forma de encontrar o caminho do retorno.

“Domingos viu-o de olhos trocados e agarrou-o imediatamente pelo braço com força antes que ele, possuído pelo instinto da terra, fosse por aí fora levado por alguma corrente de ar ou por uma estrela cadente e passageira. Dirigi-me ao motorista que, curioso, espreitava a cena pelo vidro e se armara com um pau para se precaver contra qualquer imprevisto. Informe-me sobre o caminho de regresso, explicando-lhe o motivo da confusão. Entrámos novamente no autocarro e quando Mali Mau, revirado Mau Mali, mostrou o passe, o motorista ficou um tempo atónito observando o transtornado viandante. Parecia pelo sorriso que esboçava no canto dos lábios que ia pedir um passe com a fotografia virada do avesso.”